

## 4 Considerações Finais

Ao iniciarmos esta pesquisa, seu objetivo nos pareceu, antes de mais nada, um desafio. Fazer uma leitura vertical da obra fundadora da Lingüística moderna, através da análise de um conjunto de metáforas, sugeria uma brincadeira lúdica, mas ao mesmo tempo, uma brincadeira “séria”, que a todo momento nos desconcertava.

Parecia até, bem ao estilo da metáfora saussuriana da carta forçada, que o objetivo desta pesquisa se nos insinuava, dizendo: Escolhe-me! Decifra-me! E quando íamos em busca de sua captura, ele se afastava, se escondia, fugia da nossa alçada. No percurso da confecção desta dissertação, acreditávamos que o capturávamos, mas ele insistia em se reapresentar, de vez em quando, e dizia: Eu sou este e não o outro.

Dessa forma, aos poucos, íamos nos dando conta de que não podíamos observar a teoria saussuriana de um só ponto de vista. Acreditávamos, no início, que iríamos encontrar bem delimitadas as posições de Saussure que ora aderiam, ora rejeitavam a perspectiva representacionista da linguagem. Ao final, percebemos que Saussure empreendeu uma reflexão sobre o fenômeno lingüístico de tal forma complexa, que a tensão entre duas visões concorrentes sobre a linguagem que desejávamos examinar apresentava-se sob a forma de um tamanho imbricamento, que nem sempre foi fácil a tarefa de “separar o joio do trigo”.

Acreditamos, no entanto, que ao final dessa “brincadeira séria”, conseguimos alcançar nosso objetivo, demonstrando como as metáforas do *Curso* materializam o jogo entre adesão e reação ao representacionismo, característico do pensamento de Saussure. Mostramos mais especificamente que, no *Curso*, uma visão sobre o significado e a linguagem que se mantém em linha continuidade com a perspectiva mais hegemônica na história do pensamento ocidental convive, por vezes de forma paradoxal, com um pensamento radicalmente revolucionário, associável sob muitos aspectos à filosofia de outro autor igualmente seminal, L. Wittgenstein.

No primeiro grupo de metáforas analisadas, referentes à relação entre linguagem e pensamento, observamos, pois, tanto movimentos de adesão quanto movimentos de reação a uma perspectiva representacionista. Demonstramos a

adesão, associando-a sobretudo às metáforas das subdivisões contíguas, da pressão do ar na água, da matéria plástica – metáforas cuja análise revelou uma concepção estável do signo lingüístico e do significado no interior do sistema. Mostramos também a presença de uma reação ao representacionismo, sobretudo na análise das metáforas das massas informes, as quais, com destaque para a metáfora da nebulosa, apontaram para uma compreensão da relação entre linguagem e pensamento como sendo uma relação indissociável e constitutiva.

No segundo grupo, a análise das metáforas que tocavam a questão da regularidade do fenômeno lingüístico nos levou, da mesma maneira, a observar uma adesão ao movimento representacionista, materializada sobretudo nas metáforas do dicionário e da gramática, da aritmética, da álgebra e do jogo de xadrez. A análise destas metáforas revelou a tendência de Saussure a apostar na completa identidade dos significados nos cérebros dos indivíduos, sua propensão a ver na língua um conjunto fixo de regras, sua confiança na existência de um princípio geral que governa o funcionamento dos sistemas semióticos, entre os quais, está a linguagem. Neste mesmo grupo – e, o que é mais interessante, pela análise de duas das metáforas cuja vocação representacionista havia sido estabelecida –, observamos também um movimento claramente anti-representacionista. Referimo-nos às metáforas da álgebra e do jogo de xadrez, provavelmente as mais intrigantes no conjunto de metáforas por nós examinadas. Sua análise nos revelou uma teoria saussuriana que reconhece a dinamicidade da língua – uma teoria que compreende o signo lingüístico como dependente de uma rede de relações e que destaca que as regras lingüísticas não têm qualquer ponto de partida “exterior”, sendo a estabilidade da linguagem, como a de uma álgebra sem termos primitivos, por assim dizer, “desancorada”, garantida apenas pelo próprio jogo da linguagem.

No último grupo de metáforas, analisamos aquelas que diziam respeito à constituição, à identidade e ao valor do signo lingüístico. Vimos que as metáforas da folha de papel, do ser humano e da composição química, ao mesmo tempo em que denunciavam uma inclinação representacionista – carregando em si a idéia, remanescente dos nomenclaturistas, do signo como uma unidade bipartida –, apontavam também para uma perspectiva radicalmente diferente desta, reivindicando uma compreensão “negativa”, relacional e holística do signo. A análise das metáforas do casamento e da carta forçada ressaltou, ainda, a ênfase

anti-representacionista do *Curso* na idéia de nosso assujeitamento a regras lingüísticas que se definem exclusivamente pelas práticas humanas, as quais nos impõem uma espécie de contrato compulsório. Na tematização do problema da identidade do signo, a análise das metáforas do trem, do traje e da rua salientaram a importância das *condições de realização*, em um entendimento completamente afinado a uma perspectiva não representacionista. Na abordagem do tema do valor, por fim, observamos como as metáforas do jogo de xadrez e a do sistema de valores revelam também a tensão entre as duas visões de linguagem que constituiu o foco deste trabalho: reforçam, por um lado, a idéia de que a língua é forma e não substância, mas operam, sobretudo no caso da metáfora do sistema de valores, um retorno à idéia de um ancoramento da linguagem na realidade.

Em linhas gerais, esta investigação concluiu que o *Curso* de Saussure, apesar de propor como tarefa programática para a Lingüística, a fixação do sistema lingüístico e das relações de seus constituintes, reconheceu a complexidade do objeto, a *langue*, apontando para uma compreensão menos rígida dos processos envolvidos nessa essencial atividade humana.

Muitos comentadores de Saussure, entre eles De Mauro (1972), nos alertam para a necessidade de aprofundar uma leitura da teoria saussuriana de forma a conceder-lhe um lugar diferente daquele pelo qual ficou mais conhecido: o pai do estruturalismo. Em sua análise, De Mauro nos convida a perceber “o sentido não convencionalista do arbitrário saussuriano, a profunda consciência da necessidade histórica do signo, a consciência em suma da radical historicidade dos sistemas lingüísticos”. Esperamos que este trabalho tenha contribuído de alguma forma para uma maior compreensão do legado de Saussure, demonstrando que as metáforas de que ele se vale ao longo do *Curso* constituem importantes elementos na construção de sua inesgotável perspectiva.

De todo modo, a brincadeira que desafiou nossa inteligência logrou não apenas tomar forma, como também nos incitar a brincar ainda mais.